

PUNK ROCK E ANARCOMETODOLOGIA: Caminhos possíveis para uma pesquisa em arte

PUNK ROCK AND ANARCOMETHODOLOGY: Possible paths to research in art

Jaddson Luiz Sousa Silva

jaddson_luiz@yahoo.com.br

Doutorando em artes pela Universidade Federal do Pará

Joel Cardoso

joelcardoso@uol.com.br

Instituto de Ciência das Artes da Universidade Federal do Pará

Resumo:

Nos rastros do debate epistemológico travado no campo das pesquisas em artes, este artigo pretende apresentar, problematizar e aplicar, os caminhos possíveis de uma escrita do conhecimento (des)orientada pela anarcometodologia. Assim sendo, aqui a arte que emana da cultura punk será o objeto de estudo que dará o ponto de partida para o diálogo entre teoria e empiria, na rota anárquica de uma epistemo-transgressão. Contudo, na lógica de uma produção do conhecimento que parta do anarquismo artístico presente na cultura punk, este artigo seguirá a subversão da forma monográfica da escrita, e promoverá uma escrita fragmentada. Um trabalho repleto de pensamentos estilhaçados compondo anti-hierarquicamente a (des)estrutura do texto.

Palavras-chave: Anarco-punk, Anarquismo, Arte, Anarcometodologia.

Abstract:

In the trails of epistemological debate fought in arts research field, this article intends to present, put in doubt and apply, the possible paths of a written of dis-orientated knowledge through the anarcomethodology. Therefore, here the art that emanates from punk culture will be the start point to the dialogue between theory and concrete reality, in the anarchic route of epistemotransgression. However, at the logic of a production of the knowledge that starts from artistic anarchism present at punk culture, this article will follow the subversion of written mographic form, and will promote a fragmented written. A work filled up of shattered thoughts composing anti-hierarchically the un-structure of the text.

Keywords: Anarcopunk, Anarchism, Art, Anarcomethodology.

É preciso ter ainda um caos dentro de si para gerar uma estrela que dança.
Isso vos digo: tendes ainda um caos dentro de vós
(NIETZSCHE, 2006, p. 16)

1.

Da embriaguez que tomou conta de meu corpo, veio como sopro de vida, a minha poesia. Uma poesia rejeitada pelos modelos racionais da existência padrão, germinando um escarro de vida numa impulsividade criativa, outrora abortada em meio ao lixo, ao vômito e ao choro daqueles

que se entregam à beleza de “viver o mundo como uma experiência estética”, e a “vida enquanto obra de arte”¹.

2.

Na trilha de minha trajetória de vida, ligada ao punk rock e ao anarquismo, e na busca por uma produção poética e política capaz de influenciar a minha contribuição para a produção do conhecimento no campo da arte, fiz do anarquismo político, minha base epistêmica. A pulsação existencialmente anárquica de minha arte, tornou-se o vetor de produção da minha pesquisa.

3.

Entre os anos de 2005 e 2007, me envolvi com mais intensidade ao processo de composição musical atuando como cantor, guitarrista e compositor em bandas de punk rock. Este também foi o período em que passei a conhecer e a me envolver mais com o ativismo político a partir a atuação direta e indireta em movimentos sociais. Neste percurso, enquanto integrante de um grupo anarco-punk que aperiodicamente promovia atividades de panfletagens e colagens de material punk e anarquista, comecei a desenvolver meus primeiros passos no campo da produção artística. A arte passou a ser cada vez mais, uma produção de conhecimento político para mim, através do confronto poético que eu desenvolvia na música e na edição de zines.

4.

A fúria e a indignação tomavam conta de todo o meu corpo, num grito de revolta contra tudo o que representasse o roubo e a corrupção de um mundo voltado para a ganância, individualismo, e privilégios que brotavam como uma rosa tóxica na bosta de um sistema que gerava, e ainda gera, mantém e intensifica as desigualdades entre as classes, e legitima, em nome do lucro do mercado, a exploração dos mais pobres pelos mais ricos.

5.

A intensidade da subversão que pulsava em mim contra os valores de um mundo injusto, projetou-se aguerridamente contra os mecanismos de controle da produção de conhecimento. Na academia, um tipo de saber é valorizado através de todo um conjunto de teorias e métodos que, embora se aproprie pelo espólio de outras formas do saber, minimiza suas potências para

¹ Referência ao filósofo Friedrich Nietzsche. Nas palavras de Rosa Dias (2011), tomar “a vida enquanto obra de arte” significa pensar que “é ela uma ação artística, uma atividade de criar a si mesmo como obra de arte, que tem a boa consciência do seu lado, e pode, em alguns momentos, ser contra o costume e até mesmo imoral” (DIAS, 2011, p. 112-113), ou seja, recriar a vida como obra de arte, numa atitude de tornar a vida mais leve, sem a necessidade de recorrer à metafísica ou à teologia.

valorizar a sua própria. Os saberes populares são tomados secundariamente para servirem como objetos de estudo e não a partir de suas autonomias criativas. No mesmo sentido, a arte é tomada secundariamente pelo cientificismo, e sua potência é roubada, neutralizada e castrada arbitrariamente. Saber é poder...

6.

O anarquismo enquanto essência do punk metamorfoseado em anarco-punk, impõe em sociedade uma pulsação criativa que demarca outras pulsões do existir. Para além do modelo de existência produzido e mantido, por variadas vias em nossa sociedade, novas possibilidades de família, amor, identidade, política, espiritualidade, entre várias outras coisas, são postas em jogo no palco da vida. Com a arte, a potência criadora do anarco-punk não age diferente. O anarquismo é a resistência contra toda forma de governo, seja ele o permitido pelo capitalismo selvagem, seja ele, o instaurado no socialismo autoritário. Na arte e na ciência, muitos autoritarismos se apresentam e demovem as forças de transformação e criação. No instante mesmo em que as ordens preestabelecidas de manutenção do poder do Estado e da instituição ligada ao saber universitário castram a liberdade criadora que a arte tem de produzir conhecimento, outra lógica parida do caos se faz necessária. O anarco-punk produzindo novos caminhos para as pesquisas no campo da arte, apresenta como possibilidade a reinvenção da forma e do conteúdo dentro das instituições científicas. Uma metodologia anárquica se faz presente para romper o esquematismo mecânico das metodologias empregadas nas demais áreas do conhecimento.

7.

O sistema da arte, assim como a ciência na academia, produz um autoritarismo que exclui o diferente num processo de seleção daqueles que são a imagem e semelhança dos que estão por traz dessa escolha. As comissões julgadoras escolhem, em seus tribunais inquisitórios, aqueles que mais coadunam com os seus desejos e gostos estéticos, e excluem aqueles que lhes impõem a apatia ou a repulsa. O punk e o anarco-punk estão inseridos num outro contexto, subvertendo o autoritarismo do sistema da arte e, com isso, produzindo uma arte rejeitada que gera processos criativos indomáveis.

8.

O punk rock, com o instrumental agressivo e as letras diretas e desbocadas, dispara gritos de fúria sem meias palavras. Uma música que se porta como anti-música pela subversão das regras,

quebrando as noções de harmonia ao tocar precariamente os instrumentos, errando acordes, atravessando ritmos, gritando as letras ao invés de cantá-las na grande maioria das vezes, entre outras tantas desordens projetadas por músicos e compositores punks, tanto intencional, quanto ingenuamente. A pulsação anarquista do punk rock autoriza um “faça você mesmo, mesmo que não faça direito”, e, assim, permite a criação de novos conhecimentos no campo da música no percurso de caminhos não convencionais. Para além do instrumental cru e caótico, as letras também seguem a mesma direção do não convencional. Versam por versos que expressão ideias bastante diretas, com pouca ou nenhuma margem para várias interpretações. O punk rock não enrola, ele diz. Um tiro à queima roupa e certeiro, direto no coração dos problemas a que se propõe o combate pela crítica, pelo escárnio, pela ironia, pela indignação, pela fúria. Uma banda de punk rock que surgiu na década de 1980 e ainda hoje mantém vivo o cenário punk na cidade de Belém do Pará pode ser vista como um exemplo de subversão através de suas músicas e letras. Em um trecho da música Nação Ferida, assim os Baby Loyd’s disparam à queima roupa um tiro certeiro contra o nacionalismo hipócrita e contra as mazelas sociais produzidas e mantidas pelo atual sistema econômico:

mas que ilusão
essa história de que somos todos irmãos
se fuzis apontam
em nossa direção
quando gritamos não
e o trabalhador que busca terra que busca pão
é morto cruelmente e nunca tem razão
entre outras mil
és tu Brasil
nação ferida e esquecida
entre outras mil
morre de fome
ô mãe gentil².

A partir da crítica social contra o nacionalismo como é exposto na letra, o instrumental simples comporta em seu arranjo um curto solo de guitarra que imita um trecho do hino nacional. Letra e música escarnecem o nacionalismo, expondo, ironicamente, as vísceras de um ideal falido e

² Álbum da banda Baby Loyds (PA) - Nação Ferida (1999).

autoritário. O punk rock, ao transgredir a música, também produz um conhecimento que subverte as subjetividades que mantem o domínio das classes dominantes e do poder estatal.

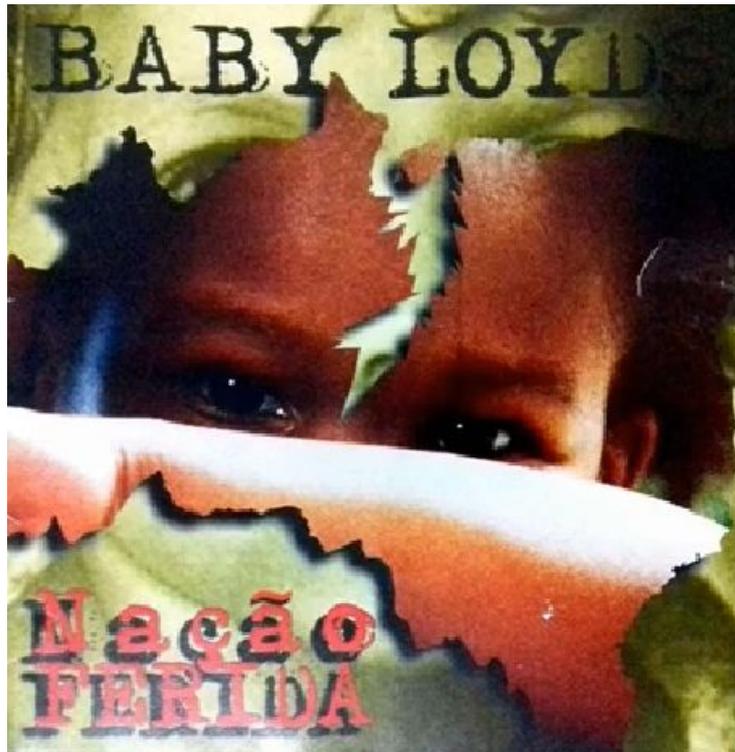


Figura 1 - capa do álbum Nação Ferida (1999) da Banda Baby Loyd's.

Fonte: site YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=GZapARizWck>

9.

As artes visuais também pulsão na produção poética e política que surge da cultura punk. E em grande parte, esta produção visual advém do diálogo com as letras na confecção de zines. Estes trabalhos feitos em papéis de baixa qualidade e geralmente em preto e branco, atuam como mídia alternativa que disseminam a ideologia anarco-punk, a partir de desenhos, recortes e colagens, textos, poesias e letras de músicas. Os zines, não raro, são bastante poluídos visualmente, numa confusão entre letras e imagens que se atravessam caoticamente e, assim, suscitam bem mais interpretações, do que um texto jornalístico poderia suscitar. Talvez nesta potência polissêmica, resida com mais força o potencial artístico da poética visual da cultural punk.



Figura 2 - Capa do Zine Protesto *Carniça* de autoria de Marcos Smith (pseudônimo de Marcos Moraes).
Fonte: arquivo do pesquisador.



Figura 3 - Capa do zine *O Cu do Mundo*, de autoria de Marcos Smith (pseudônimo de Marcos Moraes).
Fonte: arquivo do pesquisador

10.

As intervenções urbanas se inscrevem na cultura punk como sendo uma de suas expressões artísticas mais potentes, pois, ultrapassam os limites estabelecidos entre o papel e o leitor (no caso dos zines), e entre as bandas e os punks que as escutam ao vivo ou a partir do CD ou da

internet (no caso da relação entre música, performance em palco e público). Desse jeito, as intervenções se espalham pela cidade através de colagem de panfletos, pichações, grafichos e grafites. Ultrapassam limites e afetam os transeuntes através do choque, do grotesco, da contestação e da fúria. O grito de liberdade rompe as normatizações da cidade, e dispara uma poética da negação da autoridade no que concerne a subversão do ato em questão. Sem a autorização prévia do Estado, a cultura punk promove o caos e se impõe para além do permitido.

11.

O fazer artístico da cultura punk transcende as fronteiras estabelecidas para o fazer da arte tradicional, e não se inscreve em sociedade, com isso, apenas a partir de sua contribuição para um segmento da arte, como: as artes visuais, a música, as letras e as intervenções urbanas. Não que o fazer artístico punk não possa ser visto isoladamente, mas sim, pelo fato deste possuir uma potência que interliga as múltiplas expressões artísticas no rumo de uma constituição híbrida. Sendo mais específico, a arte punk vem à tona, anarquicamente, pelas conexões que estabelece entre as várias expressões artísticas e a vida particular e coletiva do punk que as produz. Neste sentido, a arte não se restringe somente enquanto produção estética, ela também produz conhecimento principalmente no seu processo de feitura que articula a hibridação entre arte e vida. Para tanto, a existência de uma arte híbrida que a contemporaneidade tornou real, possui como um de seus principais componentes, a forte ligação do fazer artístico com as outras áreas do conhecimento como a filosofia e as ciências humanas e sociais. Desta forma, a potência que esta hibridação acentuou no campo das artes, gerou uma produção artística que não se limita ao simples papel de representação do real. Assim, “em seu gesto criativo o artista substitui a representação pela produção da presença” (SAMPALIO, 2014, p. 50). Nesta produção da presença, o artista desenvolve trabalhos eivados de si mesmo em um ato de criação e recriação do mundo na busca por caminhos alternativos. A arte punk produz essa criação e recriação do mundo no diálogo com o ideal anarquista, promovendo atos de subversão do controle da autoridade vigente e, conseqüentemente, desenvolvendo uma arte que também produz conhecimento.

12.

A arte produz conhecimento? Esta pergunta sempre é feita quando se quer reduzir o potencial criador das produções artísticas comparando-as às contribuições das outras áreas do conhecimento. E os métodos? E as teorias? E a empiria do trabalho? E o afastamento epistêmico

do objeto de estudo? E a objetividade/neutralidade que separa o pesquisador do objeto pesquisado? Uma pluralidade de perguntas é lançada contra o pesquisador inserido no campo das artes. Mas o ato de subversão política/artística/filosófica/científica pode e deve ocorrer dentro da academia. Uma escrita do conhecimento que emana das produções artísticas deflagra o seguinte trajeto: da arte para o conhecimento, e do conhecimento para a arte.

13.

No intuito de uma produção do conhecimento artístico que se inscreva politicamente dentro da academia, muitas possibilidades se apresentam. Em uma destas vias possíveis de produção de um saber que seja deflagrado pela arte, pode-se partir da pulsão transgressora do caos que paira da pluralidade controversa do Movimento Punk e da visceralidade destruidora de suas visualidades, músicas, ideologias, comportamentos e letras. Da dinâmica agressiva e caótica da cultura punk, teorias e metodologias podem ser desenvolvidas para a constituição de uma pesquisa punk sobre o punk.

14.

Neste momento em que teço meu texto, recordo-me de acontecimentos estilhaçados, como fragmentos que ora aparecem, ora se escondem, todavia, são sempre reveladores. Destes estilhaços surgem recortes do vivido e do imaginado que fortaleço em minha memória com as fotos que registraram alguns eventos, e que por agora tenho em mãos. Um desses estilhaços trouxe-me a recordação da Roda Punk armada no decorrer de uma de minhas apresentações. Instigados pelo ritmo, bem mais do que pelas letras, uns quatro ou cinco participantes contorciam o corpo em gestos agressivos como se estivessem preparando-se para lutar. Em seguida, todos correram em direção uns dos outros desferindo socos, chutes e escorões. Uma performance agressiva instigada pela música que parecia ter como objetivo: a busca pela ocupação de espaços.

15.

Na Roda Punk, os movimentos eram individuais e, aparentemente aleatórios, alternando-se entre socos e chutes. A Roda Punk, uma transgressão do espaço alheio, de forma poética revisitada em minha memória, me permite pensar meu processo teórico e metodológico para compreender a importância da cultura punk, e sua respectiva contribuição para a produção do saber. Na busca por um conhecimento capaz de partir do punk e dar forma a pesquisa no campo das artes, e partindo de minha contribuição singela para a cultura Punk, deparo-me com esta Roda Punk feita

em uma de minhas apresentações musicais que vieram à tona no final do ano de 2007 para pensar a transgressão do espaço alheio, relacionada a uma proposta de transgressão das fronteiras disciplinares, pela indisciplina e pelo reconhecimento da produção acadêmica enquanto ato poético e político.



Figura 3 - A Roda Punk feita em uma apresentação no ano de 2007.

Fonte: arquivo do pesquisador

16.

O ato poético e teórico, inserido de forma estratégica na academia, permite promover não uma pesquisa inter, trans, ou polidisciplinar, mas sim, a tentativa de uma escrita punk para a subversão dos mecanismos de controle estabelecidos para a manutenção de um tipo de poder na academia. Ou seja, surge uma escrita In-disciplinada. Ou melhor: uma escrita epistemo-transgressiva.

17.

A epistemo-transgressão consiste em compreender o caráter político e estético da escrita do conhecimento, levando em consideração que, enclausurado em feudos academicistas, este caráter dita as regras do processo de escrita através de querelas políticas, determinando o aceitável e o rejeitável, bem mais por interesses institucionais, do que necessariamente pela potência criadora de uma determinada pesquisa. Contudo, proceder de forma transgressora é, na menor das hipóteses, romper com as amarras institucionais, científicas e reducionistas para, assim, promover uma pesquisa capaz de implodir fronteiras e fecundar, com potência criadora, as dimensões de uma escrita do conhecimento que parta da arte e, com isso, construa um saber no qual a arte dispare a forma e o conteúdo da pesquisa. Ou melhor: da *artepesquisa*.

18.

Inspirado pelos perceptos e afectos que a performance daquela Roda Punk criou em minha memória, assim como, na busca por uma escrita do conhecimento que transgrida o saber-fazer acadêmico mais enraizado de posicionamentos político-institucionais do que propriamente investigativos ou criativos, tomo como percurso metodológico um posicionamento anarquista para, na academia, me reencontrar com as minhas experiências poéticas anarco-punks.

19.

Aproprio-me da proposta anarcometodológica de Luiz Pinheiro (2016) para pensar a escrita de uma pesquisa sobre o punk, dentro do corpus teórico das pesquisas em artes. A anarcometodologia se coloca enquanto oposição frente as outras áreas do conhecimento, sem negar que de fato estas áreas não só contribuíram, como ainda tem muito a contribuir para o desenvolvimento humano, científico e tecnológico. Todavia, “mesmo que o campo da arte se insira no corpus das ciências humanas, sua pulsação assume fisionomias diversas até o ponto em que suas formulações se situem no absoluto de suas contribuições” (PINHEIRO, 2016, p. 110). Sendo mais específico, cabe destacar que “a pesquisa em artes produz um diferencial anarcometodológico que altera os modos de apreensão e criação de conhecimento. Uma marcação que se sustenta pelos fazeres da arte, a plasmação da pesquisa” (PINHEIRO, 2016, p. 110). Para tanto, inscrevo-me enquanto um punk-anarquista-pesquisador que neste trajeto fecundo na academia, coloca-se, tanto de forma epistemo-transgressora, quanto anarcometodológica, como um usurpador in-disciplinar(do) roubando teorias, métodos e conceitos de outras áreas do conhecimento no intuito de promover uma pesquisa capaz de romper as fronteiras disciplinares entre Arte, História, Filosofia e Ciências Sociais, ao ponto mesmo em que já não se saiba em que momento uma começa e a outra termina.

20.

A anarcometodologia permite, no campo da arte, produzir uma pesquisa na qual o meu objeto de estudo dite a forma do produto final da própria pesquisa, num processo que, sem deixar de ser investigativo, é principalmente inventivo, e, portanto, poético. Um anarco procedimento que rompe a normatização do método, sendo um anti-método, na criação de um indomável processo inventivo trilhando o trajeto incontrolável do devir. “A determinação metodológica definida pelo próprio objeto. Um mergulho no possível da descoberta do que pode o objeto em sua

constituição” (PINHEIRO, 2014, p. 42). Pensar o objeto e refazer o objeto no devir de sua própria pesquisa. O objeto que nunca foi passivo, apesar de sempre ter sua potência reduzida, agora não é mais entendido como tal. A pesquisa, um objeto em formação.

21.

Anarcometodologicamente falando, o processo de produção do conhecimento em artes, neste sentido, tem a possibilidade de ser tão livre e indomável, que poderia se inscrever na academia até mesmo pela busca do não sentido, da incomunicação total, rompendo com a palavra e seu sentido literal, usando a palavra para despertar sons, sensações, imagens e nada mais. A epistemo-transgressão não abandona o sentido e a necessidade da argumentação, mas propõe, como numa guerrilha intelectual, a subversão dos mecanismos de controle que ditam a produção de conhecimento dentro da academia. Para tanto, surge a necessidade de uma apropriação anárquica de teorias e métodos, ocupação de espaços, negação da autoridade, e criação de outra lógica parida do caos e projetada politicamente na criação de outras formas do saber.

22.

Do movimento punk pulsa o caos, o anarquismo, a desobediência civil. Do punk rock pulsa a fúria, a indignação, a velocidade, o grito. Das imagens e letras dos zines, também pulsa a fúria, porém, a partir do recorte, da colagem, do fragmento, da inconclusão, do disparo curto, desbocado e confuso. E das intervenções urbanas, pulsa a afronta contra a propriedade privada, contra os mecanismos de controle, contra as subjetividades maquínicas e capitalísticas, contra o Estado e contra o autoritarismo. Assim, uma pesquisa que se pretenda anarcometodológica partindo do punk e suas potência poéticas e políticas, encontra um caminho possível na direção destes e outros elementos que pulsam de tudo o que envolve a cultura punk.

Referências

DIAS, Rosa Maria. **Nietzsche, vida como obra de arte** / Rosa Dias. – rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich (1844-1900). **Assim falava Zaratustra** / Friedrich Nietzsche; tradução Ciro Maioranza. – São Paulo: Escala Educacional, 2006.

PINHEIRO, Luizan. **ANARCOMETODOLOGIA: Corpo informe e Objeto é**. In: *Fronteiras e Alteridades: olhares sobre as artes na contemporaneidade* / organizadores Murilo Andrade Rocha,

Afonso Medeiros de Souza. – Belém : Programa de Pós-graduação em Artes da UFPA, 2014, pp. 39-48

PINHEIRO, Luizan. **Ninguém pode dizer o que pode uma pesquisa em arte, todos podem dizer.** In: Anarcometodologia: o que pode uma pesquisa em artes / Luizan Pinheiro. – Belém : UFPA, 2016, pp. 107-112

SAMPAIO, Valzeli. **Arte e vida hibridizada.** In: Fronteiras e Alteridades: olhares sobre as artes na contemporaneidade / organizadores Murilo Andrade Rocha, Afonso Medeiros de Souza. – Belém : Programa de Pós-graduação em Artes da UFPA, 2014, pp. 49-57.

Artigo submetido em 26/10/2018, e aceito em 21/12/2018.